

Editorial

CRISE ÉTICA

O Senado e o eleitor órfão

“O SENADO NÃO ESTÁ APENAS SANGRANDO. ESTÁ FEDENDO”. A constatação, em forma de lamento, foi ouvida há alguns dias, em plenário, pela voz do senador pernambucano Jarbas Vasconcelos, do PMDB. Referia-se aos desdobramentos do resultado da sessão secreta que absolveu o presidente da Casa, Renan Calheiros, da acusação de cobrir despesas pessoais com recursos de um lobista de empreiteira – um dos quatro processos contra o parlamentar alagoano, no Conselho de Ética. A assertiva, contudo, lançou no ar a pergunta: de onde vem o odor fétido?

Outrora respeitado como a casa da moderação, da cordialidade e dos grandes tribunos, o Senado perdeu qualidade a cada legislatura. Apequenou-se. Caminha para se transformar num reduto de caciques políticos em fim de carreira que se somam a novatos em busca de trampolim para vãos mais altos. Reduz de papel e importância com suplentes sem expressão e sem voto. Com as raras exceções de praxe, os ocupantes da Casa Alta pouco ou nada têm feito para merecer a confiança e o respeito do eleitor.

Ao contrário, protagonizam pela TV Senado, diariamente – ou de terça a quinta-feira, na curta semana de trabalho auto-imposta – espetáculos de baixa audiência e rasteiro calão. Reuniões de um conselho que supostamente trataria de ética e decoro invariavelmente terminam em bate-boca e em ameaças veladas. No calor das discussões, Suas Excelências levantam dúvidas até mesmo sobre a moral de seus pares. E tudo acaba bem ao fim da sessão. Ou em pizza, no encerramento do processo.

Diante da avalanche de denúncias envolvendo a cada dia um novo senador e das grotescas manobras de acobertamento do mar de lama, especialmente pelo lado podre do PMDB, organizações partidárias do porte do PT defendem abertamente a perigosa idéia de extinção do Senado. E conquistam adeptos. Talvez sequer precisassem desfraldar tal bandeira.

O Senado, aos poucos, vai se auto-extinguindo. Basta lembrar a recente troca dos senadores Jarbas Vasconcelos e Pedro Simon, fundadores do PMDB, por Almeida Lima e Paulo Duque, na Comissão de Constituição e Justiça. Alteração comandada pelo investigado e suspeito presidente da Casa, Renan Calheiros.

Como espelho do processo político ultrapassado e desacreditado, o espaço mais nobre do Legislativo mergulha sobre a pressão da corrupção, do corporativismo, dos conchavos, da incompetência, do deboche. Em colapso, começa a exalar, de dentro para fora, o odor putrefato do qual se queixa o parlamentar pernambucano, destituído pelo sargento do alagoano, Valdir Raupp.

A urgente profilaxia, contudo, demora mais do que se pode esperar. Apenas seis senadores (ou suplentes) tiveram os mandatos cassados no Tribunal Superior Eleitoral desde 2000 – quando entrou em vigor

A autopreservação pesa mais que a ética na Casa que se apequena a cada legislatura

a lei 9.840, que pune a captação ilícita de votos e o uso eleitoral da máquina administrativa.

Na história da Casa, o único senador a ter o mandato cassado por seus pares foi Luiz Estevão. Em 2000, enfrentou processo por quebra de decoro após acusações de envolvimento no desvio de verbas públicas na construção do prédio do Tribunal Regional do Trabalho de São Paulo. A autopreservação, como se observa, pesa mais que a ética.

Sobra, portanto, para o eleitor, o trabalho de depuração do Parlamento. E uma boa oportunidade para tanto acontecerá em 2010, quando dois terços das cadeiras do Senado estarão em disputa – 54 dos 81 representantes dos Estados vão se submeter à vontade das urnas. Quem sabe a renovação de imagens e idéias, a partir do voto consciente, amenize o aroma da Câmara Alta.